

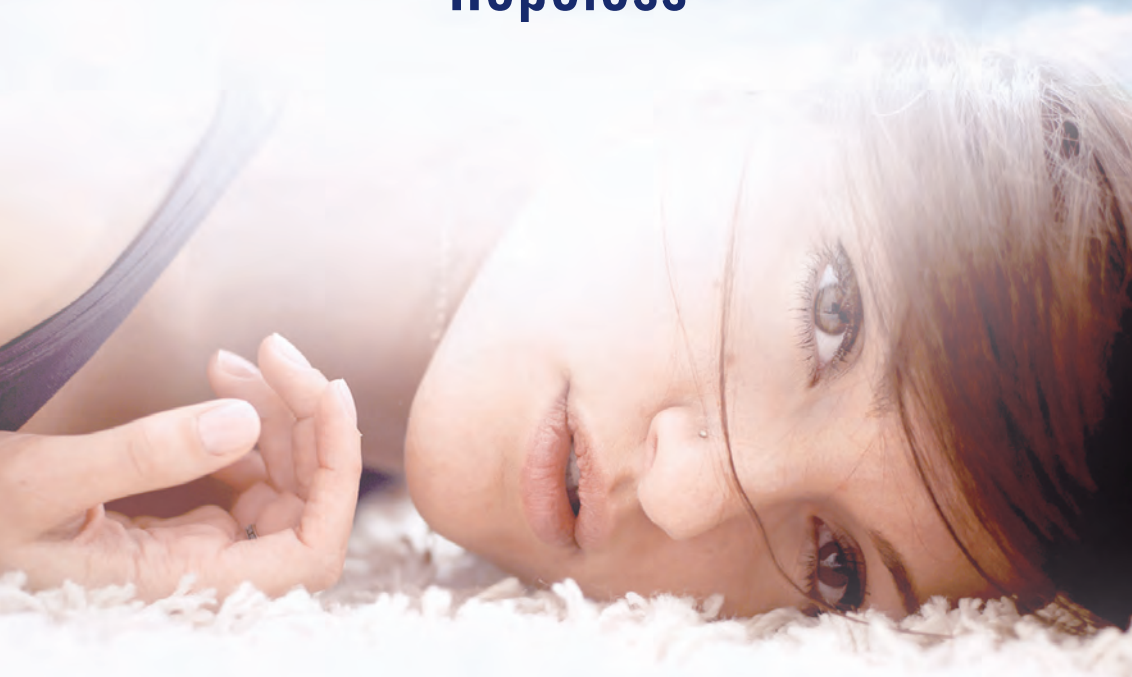
COLLEEN HOOVER

N.º 1 do *New York Times*

UM CASO PERDIDO

romance

— Hopeless —



Viver uma mentira pode ser mais duro
do que enfrentar a verdade.

DOMINGO, 28 DE OUTUBRO DE 2012

19H29

Ponho-me de pé e olho para a cama, sustendo a respiração com medo dos sons que vão surgindo do fundo da minha garganta.

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Ao ajoelhar-me lentamente, apoio as mãos na beira da cama e passo os dedos pelas estrelas amarelas espalhadas pelo fundo azul-escuro do edredão. Fico a olhar fixamente para as estrelas até começarem a perder a nitidez por causa das lágrimas que me embaçam a vista.

Fecho os olhos com força e enterro a cabeça na cama, com as mãos agarradas ao cobertor. Os meus ombros começam a tremer enquanto os soluços que tentava conter irrompem de mim violentamente. Com um movimento rápido, levanto-me, grito e arranco o cobertor da cama, atirando-o para o outro lado do quarto.

Cerro os punhos e olho ao redor freneticamente, procurando mais alguma outra coisa para atirar. Pego nas almofadas e arremesso-as contra o reflexo no espelho, da rapariga que já não conheço. Fico a ver a rapariga do espelho a fitar-me de volta, soluçando de forma patética. A fraqueza das suas lágrimas deixa-me furiosa. Começamos a correr uma em direção à outra até os nossos punhos colidirem com o vidro, partindo o espelho. Vejo-a desfazer-se num milhão de bocadinhos brilhantes sobre o tapete.

Agarro na extremidade da cómoda e empurro-a para o lado, soltando outro grito que estava preso há muito tempo. Quando o móvel cai finalmente para trás, escancaro as gavetas e arremesso o conteúdo pelo quarto, rodopiando, atirando pelo ar e dando pontapés em tudo o que encontro pela frente. Agarro as cortinas azuis e puxo-as até o varão ceder e elas caírem à minha volta. Estendo o braço para chegar às caixas empilhadas no canto do quarto e, sem saber sequer o que contém, pego na que está no topo e atiro-a contra a parede com toda a força que o meu corpo de 1,60 m consegue reunir.

— Odeio-te! — grito. — Odeio-te, odeio-te, odeio-te!

Atiro tudo o que me aparece à frente para cima de tudo o mais que me aparece à frente. Sempre que abro a boca para gritar, sinto o sal das lágrimas que me escorrem pela cara.

De repente, os braços do Holder seguram-me por trás e prendem-me com tanta firmeza que fico imobilizada. Dou-lhe safanões, abano-me e grito ainda mais, até que deixo de pensar no que estou a fazer. Passo a reagir apenas.

— Para — diz ele calmamente ao meu ouvido, sem me querer largar. Ouço o que ele diz, mas finjo que não. Ou simplesmente não me interessa. Continuo a debater-me nos braços dele, que me apertam com mais força.

— Não me toques! — grito o mais alto que posso, arranhando-lhe os braços. Mas isso não o desorienta.

Não me toques. Por favor, por favor, por favor.

A voz débil ecoa na minha cabeça, e imediatamente deixo-me cair nos braços dele. Fico mais fraca à medida que as minhas lágrimas se tornam mais abundantes e me consomem. Transformo-me num mero recipiente das lágrimas que não param de cair.

Sou fraca e estou a deixar que *ele* vença.

O Holder deixa de me apertar e põe as mãos nos meus ombros. Em seguida, vira-me para ele. Não consigo nem sequer encará-lo. Desfaço sobre o seu peito, de tanta exaustão e frustração, e agarro-me à sua camisola enquanto soluço, a cara encostada ao seu coração. A sua mão toca na parte de trás da minha cabeça, e ele leva a boca ao meu ouvido:

— Sky. — A voz dele está calma, inabalada. — Tens de sair daqui. Agora.

SÁBADO, 25 DE AGOSTO DE 2012

23H50

DOIS MESES ANTES...

Gostaria de pensar que as decisões que tomei ao longo dos meus 17 anos foram na sua maioria inteligentes. Com um pouco de sorte, a inteligência é medida pelo peso, e as minhas poucas decisões idiotas pesarão menos que as inteligentes. Se for mesmo assim, amanhã vou precisar de tomar várias decisões boas, pois deixar o Grayson entrar às escondidas pela janela do meu quarto pela terceira vez este mês faz a balança pender bastante para o lado das idiotices. No entanto, só é possível medir a estupidez de uma decisão com o tempo... então, pelos vistos, antes de julgar o que quer que seja, terei de esperar para ver se sou apanhada.

Apesar do que possa parecer, *não* sou uma rameira. A não ser, é claro, que o conceito de rameira se baseie no facto de eu andar com muitos rapazes, mesmo que não me sinta atraída por nenhum. Nesse caso, há até matéria para debate.

— Despacha-te — articula ele com os lábios, por trás da janela fechada, nitidamente irritado com a minha lerdeza.

Destravo a janela e faço-a deslizar para cima da forma mais silenciosa possível. A Karen pode até ser uma mãe não muito convencional, mas quando se trata de rapazes a entrarem à socapa pela janela do quarto à meia-noite, é a típica mãe represora.

— Não faças barulho — sussurro.

O Grayson ergue o corpo, passa uma perna por cima do parapeito e entra no quarto. O facto de as janelas deste lado da casa estarem a um metro do chão ajuda bastante; é quase como se eu tivesse a minha própria porta. E, na verdade, a Six e eu provavelmente usamos mais as janelas que as portas para irmos de uma casa à outra. A Karen está tão habituada a isso que já nem sequer comenta o facto de a minha janela ficar aberta a maior parte do tempo.

Antes de fechar a cortina, olho para a janela do quarto da Six. Ela acena-me com uma das mãos enquanto com a outra puxa o braço do Jaxon, que ao mesmo tempo está a entrar no quarto dela. Assim que ele entra, põe a cabeça de fora da janela:

— Vai ter comigo à tua carrinha daqui a uma hora — sussurra ele bem alto ao Grayson, e depois fecha a janela e as cortinas da Six.

A Six e eu somos inseparáveis desde que ela se mudou para a casa ao lado há quatro anos. As janelas dos nossos quartos são muito próximas, o que é extremamente conveniente. Tudo começou de forma bastante inocente. Quando tínhamos 14 anos, eu entrava às escondidas no quarto dela à noite e íamos ao congelador roubar gelado e ver filmes. Com 15 anos, começámos a convidar rapazes a entrar às escondidas nos nossos quartos, para comerem gelado e verem filmes *connosco*. Aos 16 anos, os rapazes passaram a interessar-nos mais que filmes e gelado. Agora, aos 17, só nos damos ao trabalho de sair dos nossos respetivos quartos *depois* de os rapazes se irem embora. É então que o gelado e os filmes voltam a ser mais importantes.

A Six troca de namorado com a mesma frequência com que troco os sabores do gelado. Neste momento, o sabor do mês para ela é o Jaxon. O meu é *Rocky Road*. O Grayson e o Jaxon são os melhores amigos um do outro e foi por isso que eu e o Grayson nos começámos a dar. Quando o sabor do mês da Six tem um melhor amigo, ela tenta empurrá-lo subtilmente para mim. E o Grayson é de facto muito atraente. Tem um corpo incrível, o cabelo perfeitamente despenteado, os olhos escuros penetrantes... tudo bom. A maioria das miúdas que conheço sentir-se-ia privilegiada só de estar na mesma sala que ele.

Pena que *eu* não seja dessa opinião.

Fecho as cortinas e, ao virar-me, vejo que o Grayson está a centímetros do meu rosto, pronto para começar. Põe as mãos na minha cara e mostra aquele seu sorriso de matador.

— Olá, linda.

Antes que eu possa responder, os lábios dele cumprimentam os meus com um beijo molhado. E continua a beijar-me ao mesmo tempo que tira os sapatos, que ele descalça sem qualquer dificuldade, enquanto vamos em direção à minha cama, ainda com as bocas coladas. A facilidade com que ele faz as duas coisas é impressionante e perturbadora. Sem pressa, acomoda-me na cama.

— Tens a porta trancada?

— Vai lá ver — digo.

Ele dá-me um beijo rápido nos lábios antes de saltar da cama para verificar se a porta está mesmo trancada. Já estou com a Karen há treze anos e nunca fiquei de castigo; não lhe quero dar motivos para ela começar a fazer isso agora. Daqui a umas semanas faço 18 anos, mas duvido que ela mude a forma de me educar enquanto eu estiver a morar na casa dela.

Não que a forma como me tenta educar seja má. É apenas... bem contraditória. Ela sempre foi rígida comigo. Nunca tivemos internet, telemóveis, nem mesmo televisão, porque ela acredita que a tecnologia é a origem de todos os males do mundo. No entanto, é extremamente tolerante relativamente a outras coisas. Deixa-me sair com a Six sempre que quero e, contanto que ela saiba onde estou, a hora a que chego a casa não interessa. Mas nunca abusei muito dessa regra, pelo que talvez tenha hora para chegar a casa e só ainda não sei qual é.

Ela não liga se disser um palavrão, apesar de eu raramente fazer isso. Às vezes, até me deixa beber vinho ao jantar. Conversa comigo como se eu fosse mais uma amiga que uma filha (apesar de me ter adotado há 13 anos) e, de alguma maneira, consegue fazer com que eu seja (quase) totalmente sincera sobre tudo o que acontece na minha vida.

Com ela não existe meio-termo. Ou é extremamente tolerante ou extremamente rígida. É uma liberal conservadora. Ou uma conservadora liberal. Seja lá o que for, é difícil entendê-la, e foi por isso que deixei de tentar há anos.

O único assunto que já nos fez discutir foi o ensino público. Estudei em casa a vida inteira (o ensino público é outra das origens de todos os males do mundo) e tenho vindo a implorar-lhe que me deixe frequentar uma escola desde que a Six me pôs essa ideia na cabeça. Tenho estado a candidatar-me a algumas universidades

e acho que as minhas hipóteses de entrar numa das que me interessam aumentariam se eu pudesse acrescentar umas quantas atividades extracurriculares às candidaturas. Depois de meses de súplicas, minhas e da Six, a Karen finalmente cedeu e deixou que eu me matriculasse no último ano do secundário. Eu podia conseguir os créditos de que preciso para acabar o programa de ensino em casa em apenas alguns meses, mas uma pequena parte de mim sempre quis a vida de uma adolescente normal.

Claro que se eu soubesse que a Six ia começar um intercâmbio na mesma semana em que esperávamos ter o nosso primeiro dia de aulas juntas, eu nunca teria levado a sério a ideia de estudar numa escola pública. No entanto, sou imperdoavelmente teimosa e preferia enfiar um garfo na parte carnuda da mão a dizer à Karen que mudei de ideias.

Tenho tentado não pensar no facto de que este ano não vou ter a Six comigo. Sei o quanto ela queria o intercâmbio, mas o meu lado egoísta estava a torcer para que não desse certo. Fico apavorada só de pensar que vou ter de passar por aquelas portas sem ela. Contudo, sei que a nossa separação é inevitável e que, mais cedo ou mais tarde, vou ser obrigada a fazer parte do mundo real onde existem outras pessoas além da Six e da Karen.

A minha falta de acesso ao mundo real foi totalmente substituída por livros, e não deve ser muito saudável viver na terra dos finais felizes. Ler também me mostrou os horrores (possivelmente exagerados) do ensino secundário, dos primeiros dias de aulas, dos grupos fechados de amigos, das miúdas mazinhas. E, segundo a Six, já tenho uma certa reputação só por ser amiga dela, o que não ajuda em nada. A Six não tem um passado muito recomendável, e, pelos vistos, alguns dos rapazes com que andei não são muito bons a guardar segredos. Juntando as duas coisas, imagino que o meu primeiro dia de aulas vá ser bem interessante.

Não que eu me importe com isso. Não me matriculei para fazer amizades nem para impressionar ninguém, então, desde que a minha reputação injustificada não interfira no meu objetivo principal, tudo vai correr bem.

Assim espero.

O Grayson volta para a cama após verificar que a porta está trancada, e mostra-me um sorriso sedutor.

— Que tal um stripteasezinho?

Ele balança as ancas e levanta um pouco a camisola, mostrando os abdominais ganhos com muito suor. Começo a perceber que ele os exhibe sempre que pode. O Grayson é basicamente o típico malandro egocêntrico.

Rio quando ele faz a camisola girar por cima da cabeça dele e atira-a para cima de mim. Desliza o corpo pelo meu mais uma vez e leva a mão à parte de trás da minha cabeça para voltar a pôr-me a boca a jeito.

Foi há pouco mais de um mês que o Grayson entrou às escondidas no meu quarto pela primeira vez, e logo nessa altura deixou claro que não queria nenhum relacionamento sério. E eu deixei claro que não queria nenhum relacionamento sério com *ele*, então demo-nos bem desde o início. Claro que na escola ele vai ser uma das poucas pessoas que conheço, portanto preocupa-me que isso possa estragar a coisa boa que está a acontecer entre nós — que é absolutamente nada.

Ele está aqui há menos de três minutos e já pôs a mão por dentro da minha blusa. Acho que ficou bem claro que ele não está aqui pela minha conversa interessante. Os lábios dele afastam-se dos meus e chegam ao meu pescoço, de modo que aproveito o intervalo para respirar fundo e de novo tentar sentir alguma coisa.

Qualquer coisa.

Fixo o olhar no teto, nas estrelas de plástico que brilham no escuro, sentindo vagamente os lábios que se aproximam do meu peito. São setenta e seis. As estrelas, quero dizer. Sei disso porque nas últimas semanas tive tempo de sobra para as contar enquanto estive nesta mesma situação constrangedora. Eu, deitada, impercetivelmente indiferente enquanto o Grayson me explora o rosto, o pescoço e, às vezes, o peito, com os lábios curiosos e excitados demais.

Se não sinto nenhum prazer, porque o deixo fazer isto?

Nunca tive nenhuma ligação emocional com os rapazes com que andei. Ou melhor dizendo, com os rapazes que andaram *comigo*. Infelizmente é algo muito unilateral. Apenas um rapaz esteve perto de provocar uma reação física ou emocional em mim, mas no fim de contas acabou por ser só uma ilusão autoinduzida. O nome dele era Matt, e saímos juntos durante menos de um mês, até as idiosincrasias dele me começarem a irritar. Por exemplo, só bebia água da garrafa com palhinha. E abria as narinas quando se

aproximava para me beijar. E disse logo que me amava três semanas depois de termos decidido começar a namorar.

Pois é. Esta última foi a gota de água. Tchauzinho, Matt querido.

A Six e eu já analisámos muitas vezes a minha falta de reação física aos rapazes. Durante algum tempo, ela achou que eu devia ser lésbica. Quando tínhamos 16 anos, depois de darmos um beijo muito breve e constrangedor para «testar» essa teoria, chegámos à conclusão de que não era esse o caso. Não é que eu não goste de andar com rapazes. Gosto, sim — caso contrário, não andaria com eles. Mas não gosto pelos mesmos motivos das outras miúdas. Nunca fiquei caidinha por ninguém. Nunca ninguém me fez sentir frio na barriga. Na verdade, desconheço totalmente essa sensação de ficar encantada por alguém. Aliás, eu só gosto de andar com rapazes porque é uma coisa que me faz sentir completa e confortavelmente entorpecida. É em situações como esta em que estou agora com o Grayson que gosto de desligar a mente. Ela desliga-se por completo, e essa sensação agrada-me.

Os meus olhos estão focados nas dezassete estrelas no quadrante superior direito da constelação no teto. De repente, volto bruscamente à realidade. As mãos do Grayson aventuraram-se além do que permiti no passado; rapidamente percebo que ele me desabotoou as calças de ganga e os dedos dele estão a tentar passar pelo cós de algodão das minhas cuecas.

— Não, Grayson — sussurro, empurrando-lhe a mão.

Ele tira a mão, geme e depois pressiona a testa contra a minha almofada.

— Vá lá, Sky. — Sinto a sua respiração ofegante junto ao meu pescoço. Apoia o peso no braço direito e olha para mim, tentando conquistar-me com o seu sorriso.

Já mencionei que sou imune a este seu sorriso de matador?

— Durante quanto tempo vais continuar a fazer isso? — Desliza a mão pela minha barriga e enfia as pontas dos dedos nas minhas calças mais uma vez.

Fico horrorizada.

— Isso o quê? — Tento sair de baixo dele.

Ele ergue o corpo, apoiando-se nas mãos, e olha para mim como se eu fosse completamente idiota.

— Essa história de queres passar por «santinha». Já não aguento mais, Sky. Vamos fazer isto de uma vez por todas.

O que me leva a pensar novamente que, ao contrário do que dizem por aí, *não* sou uma rameira. Nunca fiz sexo com nenhum dos rapazes com que namorei, nem mesmo com o Grayson, que está a fazer beicinho à minha frente neste exato momento. Sei que a minha falta de resposta sexual provavelmente tornaria mais fácil a nível emocional fazer sexo com rapazes ao acaso. No entanto, também sei que é exatamente por isso que *não devo* fazer sexo. Sei que no instante em que pisar esse risco, os boatos vão deixar de ser apenas boatos. Tudo vai passar a ser verdade. E a última coisa que quero é que os mexericos a meu respeito se tornem realidade. Acho que posso creditar os meus quase 18 anos de virgindade puramente à teimosia.

Pela primeira vez nos dez minutos em que ele tem estado aqui, dou pelo seu cheiro a álcool.

— Estás bêbedo.

Dou-lhe um empurrão no peito.

— Eu disse-te para não voltares a aparecer aqui bêbedo.

Ele sai de cima de mim, e eu levanto-me para abotoar as calças e ajeitar a blusa. Fico aliviada por ele estar bêbedo. Só quero que ele que se vá embora.

Ele senta-se à beira da cama, agarra-me pela cintura e puxa-me para junto dele. Em seguida, põe os braços à minha volta e encosta a cabeça à minha barriga.

— Desculpa-me — diz ele. — É que eu desejo-te tanto que acho que não vou aguentar vir mais aqui se não puder ter-te toda para mim. — Baixa as mãos até ao meu rabo, depois pressiona os lábios na minha pele entre as cuecas e a blusa.

— Então não venhas cá mais. — Reviro os olhos e afasto-me dele. Em seguida, vou até a janela. Quando abro a cortina, vejo o Jaxon a sair do quarto da Six. De alguma maneira, ambas conseguimos condensar esta visita de uma hora em dez minutos. Olho para a Six, e ela lança-me aquele famoso olhar que diz: «está na hora de escolher um novo sabor».

Ela sai pela janela logo depois do Jaxon e aproxima-se de mim.

— O Grayson também está bêbedo?

Confirmo com a cabeça.

— Pena capital. — Viro-me e olho para o Grayson, que está deitado na cama, sem perceber que já não é bem-vindo. Vou até à cama, pego na camisola dele e atiro-lha à cara. — Vai-te

embora — digo. Ele olha para mim e levanta o sobrolho. Quando vê que estou a falar a sério, sai da cama de má vontade e calça os sapatos a fazer beicinho, como se fosse um miúdo de 4 anos. Afasto-me para que ele possa sair.

A Six espera que o Grayson saia pela janela e depois entra ela enquanto um dos rapazes murmura a palavra «putas». Já dentro do quarto, a Six revira os olhos, vira-se e põe a cabeça de fora da janela.

— Engraçado, somos putas porque vocês *não* nos comeram. Cretinos.

Fecha a janela e vai até à cama, atirando-se para cima dela e cruzando as mãos atrás da cabeça.

— É mais um que vai à vida.

Eu rio, mas a minha gargalhada é interrompida por uma forte pancada na porta do quarto. Vou logo a correr destrancá-la e dou um passo para o lado para que a Karen entre. Os seus instintos maternais não me desiludem. Ela olha freneticamente ao redor do quarto até avistar a Six na cama.

— Raios! — diz ela, virando-se para ficar de frente para mim. Põe as mãos nas ancas e franze a testa. — Ia jurar que tinha ouvido rapazes aqui dentro.

Ando até à cama e tento disfarçar o pânico total que se espalha pelo meu corpo.

— E ficaste desapontada *porque...* — Às vezes não entendo mesmo as reações dela. Como já disse... *é contraditório.*

— Vais fazer 18 anos daqui a um mês. O tempo que tenho para te pôr de castigo está a esgotar-se. Tens de começar a portar-te pior, miúda.

Suspiro aliviada ao perceber que ela está só a brincar. Quase me sinto culpada por ela não suspeitar de que a filha estava a ser apalpada cinco minutos antes neste mesmo quarto. O meu coração bate tão forte no peito que fico com medo de que ela o ouça.

— Karen? — diz a Six por trás de nós. — Se lhe serve de consolo, ainda agora estavam aqui dois borrachos na marmelada connosco, mas expulsámo-los logo antes de a Karen chegar, porque estavam bêbedos.

Fico boquiaberta e viro-me para lançar à Six um olhar que eu espero ser capaz de lhe dizer que o sarcasmo não tem muita graça quando o que se diz é *verdade.*

Mas a Karen ri:

— Bem, talvez amanhã à noite vocês arranjem uns miúdos giros *sóbrios*.

Já não preciso de me preocupar com a possibilidade de a Karen ouvir o meu coração, pois ele parou de vez.

— Miúdos giros *sóbrios*, é? Acho que posso tratar disso — diz a Six, piscando-me o olho.

— Vais dormir aqui? — pergunta a Karen à Six ao dirigir-se para a porta.

A Six encolhe os ombros.

— Acho que hoje vamos ficar lá em casa. É a última semana que tenho para gozar a minha própria cama nos próximos seis meses. Além disso, tenho o Channing Tatum na televisão.

Olho para a Karen e percebo que vem aí uma cena.

— Não, mãe. — Começo a aproximar-me dela, mas já vejo os seus olhos a encherem-se de lágrimas. — Não, não, não. — Quando a alcanço, já é tarde demais. Está num berreiro. Se há coisa que não suporto é gente a chorar. Não porque me emocione, mas porque me irrita. E é constrangedor.

— Só mais um — diz ela, correndo para a Six. Já a abraçou umas dez vezes hoje. Até me parece que ela está mais triste do que eu por a Six se ir embora daqui a uns dias. A Six atende ao pedido de um décimo primeiro abraço e pisca-me o olho por cima do ombro da Karen. Praticamente tenho de separar as duas à força, para que a Karen saia do meu quarto.

Ela anda até à porta e vira-se mais uma vez:

— Espero que conheças um italiano bem giro — diz ela à Six.

— Espero conhecer mais que um — comenta a Six, friamente.

Quando a porta se fecha atrás da Karen, viro-me, atiro-me para cima da cama e dou um murro no braço da Six.

— És uma *cabra* — digo. — Não teve piada. Eu pensava que tinha sido apanhada.

Ela ri, segura na minha mão e levanta-se:

— Vamos. Tenho *Rocky Road* lá em casa.

Ela nem precisa de dizer duas vezes.

Fiquei na dúvida se devia ir correr esta manhã ou não, mas acabei por decidir dormir mais um pouco. Corro todos os dias, exceto aos domingos, mas parecia errado acordar hoje mais cedo que o normal. O primeiro dia de aulas já é tortura suficiente, então decido adiar o treino para depois da escola.

Felizmente, tenho o meu próprio carro há cerca de um ano, por isso não dependo de ninguém para chegar a horas à escola. Não só chego pontualmente, mas 45 minutos adiantada. O meu carro é o terceiro a entrar no parque de estacionamento, então, pelo menos, consigo um bom lugar.

Uso o tempo extra para dar uma olhadela ao complexo desportivo ao lado. Se vou tentar entrar para a equipa de atletismo, preciso pelo menos de saber onde ficam as coisas. Além disso, não consigo simplesmente ficar sentada no carro durante meia hora, a contar os minutos.

Ao chegar à pista de atletismo, vejo um rapaz do outro lado, a dar voltas, então vou para as bancadas. Sento-me no sítio mais alto e fico a observar o meu novo ambiente. Daqui de cima, consigo ver a escola inteira. Não parece tão grande nem tão intimidadora quanto eu imaginava. A Six desenhou-me um mapa e até escreveu algumas dicas, então tiro o papel da mochila para lhe dar uma vista de olhos pela primeira vez. Acho que ela se sente mal por me ter abandonado e tenta compensar-me.

Olho para a área da escola e depois para o mapa. Parece fácil. As aulas são no prédio à direita. O almoço à esquerda. O atletismo atrás do ginásio. A lista de dicas é longa, então começo a lê-la.

- *Nunca uses a casa de banho ao lado do laboratório de ciências. Nunca. Nunca mesmo.*
- *Leva a mochila pendurada só num ombro. Nunca a uses nos dois ombros, isso é coisa de nerd.*
- *Verifica sempre a data de validade do leite.*
- *Faz-te amiga do Stewart, o tipo da manutenção. É bom tê-lo do teu lado.*
- *O refeitório: evita-o a todo custo, mas se estiver mau tempo, finge que sabes o que estás a fazer quando lá entrares. Eles conseguem sentir o cheiro do medo.*
- *Se te calhar o Prof. Declare a matemática, senta-te ao fundo da sala e não olhes diretamente para ele. Ele adora meninas da nossa idade, se é que entendes o que quero dizer. Ou, melhor ainda, senta-te à frente. Vais ter um A superfácil.*

A lista continua, mas não consigo ler mais. Não paro de pensar numa frase: «eles conseguem sentir o cheiro do medo». Em momentos como este, queria era ter um telemóvel. Ligava agora mesmo para a Six e pedia-lhe uma explicação. Dobro o papel e guardo-o na mala, em seguida volto a prestar atenção ao corredor solitário. Ele está sentado na pista, de costas para mim, a fazer alongamentos. Não sei se é aluno ou treinador, mas se o Grayson o visse em tronco nu, provavelmente seria bem mais modesto e não se punha a exhibir os seus abdominais com tanta facilidade.

O rapaz levanta-se e segue em direção às bancadas, sem levantar os olhos, portanto não me vê. Sai pelo portão e anda até um dos carros no estacionamento. Depois abre a porta, pega numa t-shirt que está no banco da frente e veste-a. Entra no carro e vai-se embora, numa altura em que o parque de estacionamento começa a ficar cheio. E está a ficar cheio muito rapidamente.

Ai, meu Deus.

Pego na mochila e ponho as duas alças nos ombros de propósito. Em seguida, desço a escada que leva até ao Inferno.

Eu disse «Inferno»? É que isso foi um eufemismo. A escola pública é tão má como eu imaginava que poderia ser e ainda pior. As aulas não são assim tão más, mas eu precisei (por pura necessidade e desconhecimento da área) de usar a casa de banho ao lado do laboratório de ciências. E apesar de ter sobrevivido, vou ficar com sequelas para o resto da vida. Uma simples nota da Six a dizer que aquilo ali é mais bordel do que casa de banho teria sido suficiente.

Agora estamos a ir para a quarta aula do dia e já ouvi as palavras «cabra» e «puta» sussurradas de maneira nada subtil por quase todas as miúdas com que me cruzei nos corredores. E por falar em subtilidades, a pilha de notas de 1 dólar que caiu do meu cacifo quando o abri, juntamente com um bilhete, foi uma bela prova de que não sou muito bem-vinda aqui. O bilhete era assinado pelo diretor, mas não acreditei muito nisso por causa dos erros gramaticais e das últimas palavras: «Peço desculpa por o teu cacifo *não* vir com um varão, sua vadia.»

Fico a olhar com um sorriso tenso para o bilhete que tenho nas mãos, aceitando vergonhosamente os dois próximos semestres que eu mesma trouxe para a minha vida. Cheguei a acreditar que as pessoas só se comportavam assim nos livros, mas estou a testemunhar em primeira mão que gente idiota existe mesmo. Também espero que a maioria destas brincadeirinhas de mau gosto siga nesta linha de me dar dinheiro como se eu fosse uma *stripper*. Que imbecil dá dinheiro quando quer insultar alguém? Só sendo um imbecil rico. Ou *mais* que um.

Tenho a certeza de que o grupinho de miúdas a rir atrás de mim, com roupas caras que roçam a indecência, está à espera que eu deixe cair as minhas coisas no chão e vá a correr, a chorar, para a casa de banho mais próxima. As expetativas delas vão deparar-se com alguns problemas:

1. *Eu não choro. Nunca.*
2. *Já estive naquela casa de banho e nunca mais lá volto.*
3. *Gosto de dinheiro. Quem é que foge dele?*

Ponho a mochila no chão no corredor e apanho o dinheiro. Há pelo menos vinte notas de 1 dólar espalhadas pelo chão, e mais de dez que ficaram no cacifo. Pego nelas todas e enfio-as na mochila. Deixo uns livros no cacifo e levo outros, fecho-o, em seguida ponho as alças da mochila nos dois ombros e sorrio.

— Digam aos vossos queridos pais que eu agradeço. — Passo pelo grupinho de miúdas (que já não se estão a rir) e ignoro os olhares fulminantes.

É hora do almoço, e, ao ver a quantidade de chuva que inunda o pátio, fica claro que este tempo desgraçado é o karma a retaliar. Contra quem, não faço ideia.

Eu sou capaz.

Ponho as mãos nas portas do refeitório e abro-as, um tanto à espera de ser recebida com fogo e enxofre.

Passo pela entrada, e não é com fogo e enxofre que me recebem. É com uma quantidade de decibéis que os meus ouvidos nunca ouviram na vida. Parece é que cada pessoa no refeitório está a tentar falar mais alto do que todas as outras pessoas que ali estão. Acabei de me matricular numa escola em que toda a gente só está interessada em superar os outros.

Faço o meu melhor para fingir que estou confiante, sem querer atrair a atenção indesejada de ninguém. De rapazes, de grupinhos, de párias ou do Grayson. Consigo chegar ilesa até a meio da fila; e, então, alguém me puxa pelo braço.

— Estava à tua espera — diz ele.

Nem dá para ver como deve ser a cara do rapaz enquanto ele me vai guiando pelo refeitório, serpenteando entre as mesas. Devia reclamar pelo incómodo repentino, mas é a coisa mais empolgante que me aconteceu durante todo o dia. Ele larga-me o braço e agarra-me na mão, puxando-me atrás dele com mais rapidez. Paro de resistir e vou na onda.

Pelas costas dele, percebo que tem estilo, por mais estranho que o seu estilo possa ser. Tem vestida uma camisa de flanela com um debruado do mesmo tom rosa-choque dos sapatos. As calças são pretas, justas, e caem muito bem no corpo de qualquer pessoa... do sexo feminino. No caso dele, as calças só realçam

a magreza da sua silhueta. O cabelo castanho-escuro é curto de lado e um pouco mais comprido em cima. Os olhos dele estão... a fitar-me. Apercebo-me de que parámos e ele já não está a segurar na minha mão.

— Vejam só se não é a puta da Babilónia. — Ele sorri para mim. Apesar das palavras que acabaram de lhe sair da boca, a expressão é de ternura. Senta-se à mesa e abana a mão a indicar-me que faça o mesmo. Há dois tabuleiros à frente dele, mas *ele* é só um. Então empurra um deles para o lugar vazio diante de mim. — Senta-te. Temos uma aliança a discutir.

Eu não me sento. Não faço nada durante alguns segundos, a não ser contemplar a situação que se me apresenta. Não faço ideia de quem seja este rapaz, e, mesmo assim, ele age como se estivesse à minha espera. Sem mencionar que acabou de me chamar de puta. E, pelos vistos, comprou-me... almoço? Olho para ele de relance pelo canto do olho, tentando entender a sua atitude, e, de repente, a mochila no lugar ao lado dele chama a minha atenção.

— Gostas de ler? — pergunto, apontando para o livro que está a sair da mochila dele. Não é um livro didático. É um livro-livro. Algo que eu pensava que esta geração de monstros da internet desconhecia. Estendo o braço, tiro o livro da mochila e sento-me à frente dele. — É de que género? E, por favor, não digas que é de ficção científica.

Ele recosta-se e sorri como se tivesse acabado de vencer alguma coisa. Bolas, talvez ele tenha vencido mesmo. Acabei por me sentar, não foi?

— Que importância tem o género, se o livro é bom? — pergunta ele.

Folheio as páginas, sem conseguir perceber se é um romance ou não. Sou fã de romances e, pela expressão no rosto do rapaz diante de mim, ele também deve ser.

— E o livro é? — pergunto, folheando-o. — Bom?

— É, sim. Podes ficar com ele. Acabei de o ler ainda agora, durante a aula de informática.

Levanto o olhar e vejo que ainda está contente com a sua vitória. Guardo o livro na mochila, inclino-me para a frente e inspeciono o que tenho no tabuleiro. A primeira coisa que faço é ver a data do leite. Está dentro da validade.

— E se eu fosse vegetariana? — pergunto, olhando para o peito de frango no meio da salada.

— Comias só o acompanhamento — responde ele.

Pego no garfo e corto um bocado de frango, levando-o em seguida à boca.

— Bem, estás com sorte, porque não sou.

Ele sorri, pega no garfo dele e começa a comer.

— E vamos formar uma aliança contra quem? — Estou curiosa por saber por que razão ele me escolheu.

Ele dá uma olhadela ao redor e levanta a mão no ar, girando-a em todas as direções.

— Idiotas. Atletas. Fanáticos. Cabras.

Baixa a mão, e vejo que tem as unhas pintadas de preto. Percebe que estou a observar as unhas dele, então olha para baixo e faz beicinho.

— Escolhi o preto porque é a cor que melhor representa o meu humor de hoje. Talvez depois de concordares em juntar-te a mim nesta jornada, eu o troque por uma cor um pouco mais alegre. Quem sabe, amarelo.

Digo que não com a cabeça.

— Odeio amarelo. Deixa ficar o preto, combina com o teu coração.

Ele ri. Uma gargalhada genuína e pura que me faz sorrir. Gosto... deste rapaz cujo nome nem sei.

— Como é que te chamas? — pergunto.

— Breckin. E tu és a Sky. Pelo menos espero que sim. Acho que devia ter confirmado a tua identidade antes de começar a revelar-te os detalhes do meu plano maléfico e sádico para me apossar da escola com esta nossa aliança a dois.

— Sou a Sky. E não tens de te preocupar, pois ainda não me contaste nenhum detalhe do teu plano maléfico. Mas estou curiosa por saber como descobriste quem sou. Conheço uns quatro ou cinco rapazes desta escola e namorei com todos eles. Mas tu não és um deles, então como me descobriste?

Por uma fração de segundo, vejo nos olhos dele uma centelha do que parece ser pena. Mas ele tem sorte de ter sido apenas uma centelha.

O Breckin encolhe os ombros.

— Sou novo aqui. E, se não deu para deduzir pelo meu estilo impecável, acho que posso afirmar que sou... — Inclina-se para

a frente e põe as mãos em concha na boca, para revelar o seu segredo. — Mórmon — sussurra ele.

Acho graça.

— E eu a pensar que ias dizer *gay*.

— Isso também — diz ele, com um movimento rápido do pulso. Sobrepõe as mãos debaixo do queixo e inclina-se alguns centímetros para a frente. — Mas falando a sério, Sky. Reparei em ti hoje nas aulas, e é óbvio que também és nova por aqui. E, depois de ver o dinheiro de *stripper* cair do teu cacifo antes da quarta aula e a tua falta de reação, percebi que fomos feitos um para o outro. Além disso, também imaginei que, se nos juntarmos, vamos evitar pelo menos dois suicídios desnecessários de adolescentes. E então, o que achas? Queres ser a minha melhor amiga de todas do mundo inteiro?

Eu rio. Como não rir do que ele diz?

— Claro. Mas se o livro não prestar, vamos reavaliar esta amizade.

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2012

15H55

No fim de contas, o Breckin salvou o meu dia... e ele é mesmo mórmon *de verdade*. Temos muitas coisas em comum, e mais coisas ainda que não são comuns, o que o torna bem mais interessante. Ele também é adotado, mas é muito próximo da família biológica. O Breckin tem dois irmãos que não são adotados, e que não são *gays*, então os pais acham que a sua gayzice (palavra dele, não minha) tem a ver com o facto de não terem nenhum parentesco biológico. Disse-me que os pais estão à espera que aquilo desapareça com orações e quando acabar o secundário, mas ele insiste que essa realidade só vai florescer mais.

O sonho dele é vir a ser um dia uma grande estrela da Broadway, mas diz que não sabe cantar nem representar, então vai parar de sonhar tão alto e vai estudar gestão. Eu disse-lhe que queria formar-me em escrita criativa e passar o dia sentada, com calças de ioga, e não fazer mais nada a não ser escrever livros e comer gelado. Ele perguntou-me que género de livros eu queria escrever e eu respondi:

— Não interessa, contanto que seja bom, não achas?

Penso que este comentário selou o nosso destino.

Agora estou a caminho de casa, a decidir se devo contar à Six os acontecimentos agridoces do dia ou se devo passar pelo supermercado para comprar café e repor os níveis de cafeína antes da minha corrida diária.

A cafeína fala mais alto, apesar da minha afeição pela Six ser ligeiramente maior.

A minha mínima contribuição familiar é fazer as compras da semana. Na nossa casa é tudo sem açúcar, sem hidratos de carbono e sem *sabor*, graças ao estilo vegano e não convencional da Karen, portanto gosto mesmo de ser eu a fazer as compras. Pego num *pack* de seis gasosas e no maior saco de *Snickers* em miniatura que encontro e ponho-os no carrinho. Arranjei um esconderijo ótimo no meu quarto para o meu *stock* secreto. A maioria dos adolescentes esconde cigarros e erva — eu escondo alimentos com açúcar.

Ao chegar à caixa, reconheço a rapariga que me atende. Tem aula de inglês ao segundo tempo, como eu. Tenho quase a certeza de que o nome dela é Shayna, mas no seu crachá está escrito «Shayla». A Shayna/Shayla é tudo o que eu queria ser. Alta, voluptuosa e loura. Num dia bom, consigo chegar a ter 1,60 m, e o meu cabelo castanho e sem volume está a precisar de um corte — talvez até de algumas madeixas. Que dariam um trabalho medonho a manter considerando a quantidade de cabelo que tenho. Ele bate-me uns 15 centímetros abaixo do ombro, mas na maior parte do tempo ando com ele preso por causa da humidade do sul.

— Não estamos na mesma turma em ciências? — pergunta a Shayna/Shayla.

— Em inglês! — corrijo-a.

Ela lança-me um olhar condescendente.

— Mas eu *estou a falar em inglês!* — responde ela, na defensiva. — O que eu te perguntei foi «Não estamos na mesma turma em ciências?»

Oh, caraças! Talvez eu não queira ser assim *tão* loura.

— Não — respondo. — Eu respondi «em inglês» no sentido de «não, não estamos na mesma aula de *ciências*, estamos na mesma aula de *inglês*».

Ela olha para mim inexpressivamente por um instante e depois ri.

— Ah. — Pela expressão no seu rosto, parece entender finalmente.

Olha para o ecrã à sua frente e diz-me o total. Levo a mão ao bolso de trás das calças e tiro o cartão de crédito, querendo ser

rápida para evitar o que está prestes a tornar-se uma conversa nada interessante.

— Ah, meu *Deus* — diz ela, baixinho. — Vejam só quem voltou.

Olho para cima e noto que ela está a fitar alguém atrás de mim na fila da outra caixa.

Não, deixem-me corrigir. Ela está *a salivar* por alguém atrás de mim na fila da outra caixa.

— Olá, Holder — cumprimenta ela, sedutoramente, mostrando o seu maior sorriso.

Será mesmo que ela acabou de lhe fazer olhinhos? Sim. Tenho a certeza de que ela acabou de lhe fazer olhinhos. Para ser sincera, achava que já só se fazia isso nos desenhos animados.

Olho para trás para ver quem é o tal Holder que, por alguma razão, conseguiu fazer todo o amor-próprio da Shayna/Shayla desaparecer. O rapaz olha para ela e abana a cabeça como resposta, aparentemente sem ter interesse algum.

— Olá... — Ele olha de esguelha para o crachá. — ... *Shayla*. — E vira-se de novo para o empregado que o está a atender na caixa.

Estará a ignorá-la? Uma das miúdas mais bonitas da escola está praticamente a atirar-se a ele, e ele age como se isso fosse chato? Será que é mesmo *humano*? Não é assim que os rapazes que eu conheço costumam reagir.

Ela bufa.

— O meu nome é *Shayna* — diz, irritada por ele não saber o nome dela. Viro-me para a Shayna e passo o cartão na máquina.

— Desculpa — pede ele. — Mas já viste que no teu crachá está escrito «Shayla», não viste?

Ela olha para baixo e levanta o crachá para poder ler.

— Hum — murmura ela, juntando as sobrancelhas como se estivesse a pensar profundamente. Mas duvido que seja assim tão profundamente.

— Quando é que chegaste? — pergunta ela ao Holder, ignorando-me completamente. Acabei de passar o meu cartão e tenho quase a certeza de que ela devia fazer qualquer coisa a seguir, mas está ocupada demais a planear o casamento com este sujeito para se lembrar da cliente.

— Na semana passada — responde ele, secamente.

— Então vão deixar-te voltar para a escola? — pergunta ela.

De onde estou, consigo ouvi-lo suspirar.

— Não me interessa — responde ele, entediado. — Não vou voltar.

A última frase faz a Shayna/Shayla repensar o casamento naquele instante. Revira os olhos e volta a prestar-me atenção.

— Que pena um corpo daqueles não vir com cérebro incluído — sussurra ela.

Claro que percebo a ironia contida nessa afirmação.

Quando ela finalmente começa a premir as teclas da máquina para completar a transação, aproveito que está distraída para olhar para trás mais uma vez. Estou curiosa por dar outra olhadela ao rapaz que pareceu ter ficado irritado com a menina bonita loura. Ele está a olhar para a carteira, rindo de algo que o empregado lhe disse. Assim que o vejo, reparo imediatamente em três coisas:

1. *Os dentes incrivelmente brancos escondidos por trás do sorriso torto sedutor.*
2. *As covinhas que se formam entre os cantos dos lábios e as bochechas quando sorri.*
3. *Tenho quase a certeza de que estou a sentir uma onda de calor.*

Ou um frio na barriga.

Ou talvez esteja com algum vírus no estômago.

Esta sensação é tão nova para mim que nem sei ao certo *o que é*. Não sei o que ele tem de tão diferente a ponto de causar a primeira reação biológica que tive na vida em relação a outra pessoa. No entanto, acho que nunca tinha visto ninguém como *ele*. É lindo. Não lindo no sentido de menino bonitinho. Nem de rapaz com um grande físico. É uma mistura perfeita das duas coisas. Não é grande demais, nem é de forma nenhuma pequeno demais. Nem demasiado grosseiro, nem demasiado perfeito. Está de calças de ganga e com uma t-shirt branca, nada de especial. O cabelo parece que não foi penteado hoje e, provavelmente, está a precisar de um bom corte, assim como o meu. Está tão comprido à frente que ele tem de o afastar da cara para poder olhar para cima e apanhar-me em flagrante a fitá-lo.

Merda.

Normalmente eu baixaria o olhar assim que os nossos olhos se encontrassem, mas há qualquer coisa de estranho na maneira como ele reagiu quando me viu que não me deixa desviar os olhos. O sorriso dele esvaece imediatamente, e inclina a cabeça. Mostra um olhar de curiosidade e abana lentamente a cabeça, ou por incredulidade ou por... *repugnância*? Não dá para perceber, mas com certeza não foi uma reação positiva. Olho ao redor, esperando que não tenha sido por minha causa que ele ficou tão incomodado. Quando me viro novamente, vejo que ainda mantém o olhar fixo.

Em *mim*.

Fico transtornada, no mínimo, então viro-me depressa para a Shayla. Ou Shayna. Sei lá qual é o maldito nome dela. Preciso de me recompor. Por alguma razão, durante sessenta segundos, este rapaz conseguiu deixar-me encantada e, depois, completamente apavorada. A mistura de sensações não faz bem ao meu corpo sem caféina. Era preferível ter olhado para mim com a mesma indiferença com que tratou a Shayna/Shayla a ter-me lançado outra vez aquele olhar. Pego no recibo que a fulana de tal me dá e meto-o no bolso.

— Olá — diz ele com uma voz grave, num tom autoritário, deixando-me sem ar nesse mesmo instante. Não sei se ele está a falar comigo ou com a fulana de tal, então seguro nas asas dos sacos do supermercado, esperando ter tempo de chegar ao carro antes de ele acabar de pagar.

— Acho que ele está a falar contigo — diz ela. Pego no último saco e ignoro-a, andando o mais rápido que consigo em direção à saída.

Ao chegar ao carro, suspiro fundo quando abro a porta de trás para guardar as compras. *O que diabo há de errado comigo?* Um rapaz giro tenta chamar a minha atenção, e eu *desato a correr*? Não fico constrangida perto de rapazes. Na verdade, costumo ficar muito confiante. E no único momento da minha vida em que chego a sentir uma possível atração por alguém, fujo.

A Six vai-me matar.

Mas aquele *olhar*. Havia algo tão perturbador na maneira como ele olhou para mim. Conseguiu deixar-me constrangida, envergonhada e lisonjeada ao mesmo tempo. Não estou acostumada a sentir estas coisas de forma nenhuma, muito menos todas elas de uma só vez.

— Olá.

Fico paralisada. Agora de certeza que ele está a falar comigo.

Ainda não consigo perceber se é frio na barriga ou um vírus no estômago, mas, seja o que for, não gosto da maneira como a voz dele penetra no meu estômago até ao fundo. Mesmo tensa, viro-me lentamente, percebendo, de repente, que a minha antiga confiança ficou quase toda para trás.

Ele está a segurar em dois sacos com uma das mãos ao lado do corpo e com a outra esfrega a parte de trás do pescoço. Já eu queria que o tempo estivesse péssimo e chuvoso para que ele não ficasse ali parado naquele momento. Fixa os olhos nos meus, e o olhar desdenhoso que me lançou no supermercado agora virou um sorriso torto que parece um pouco forçado. Quando olho melhor para ele, torna-se claro que o meu desconforto no estômago não está a ser causado por nenhum vírus.

Está a ser causado *por ele*.

Tudo nele, do cabelo escuro despenteado aos olhos sérios azuis, àquela... *covinha*, aos braços grossos que me fazem querer tocá-los.

Tocar? A sério, Sky? Controla-te!

Tudo nele faz com que os meus pulmões parem de funcionar e o meu coração acelere loucamente. Tenho a impressão de que se ele sorrisse para mim como o Grayson tenta fazer, as minhas cuecas estariam no chão em tempo recorde.

Assim que paro de observar o corpo dele e os nossos olhares se encontram, ele afasta a mão do pescoço e passa os sacos para a mão esquerda.

— O meu nome é Holder — diz ele, estendendo-me a mão.

Baixo o olhar até à mão dele e dou um passo para trás, sem o cumprimentar. Toda aquela situação é constrangedora demais para que eu confie nesta apresentação inocente. Talvez se ele não me tivesse lançado aquele olhar penetrante e intenso no supermercado, eu estivesse mais suscetível à sua perfeição física.

— O que é que queres? — Tenho o cuidado de olhar para ele com suspeita em vez de admiração.

A covinha dele reaparece com uma gargalhada apressada, e abana a cabeça, desviando o olhar.

— Hum — diz ele com uma gaguez nervosa que não combina nada com o seu ar confiante.

Os olhos dele percorrem o parque de estacionamento como se estivessem à procura de uma maneira de escapar, e ele suspira antes de os fixar em mim outra vez. Estas diferentes reações

deixam-me totalmente confusa. Num instante ele parece sentir uma certa repugnância pela minha presença, no outro parece que não me vai deixar em paz. Costumo interpretar muito bem as pessoas, mas, se tivesse de chegar a uma conclusão a respeito do Holder com base nos últimos dois minutos, seria obrigada a dizer que ele sofre de personalidade múltipla. As suas mudanças bruscas de fútil para profundo são enervantes.

— Talvez pareça ridículo — diz ele —, mas a tua cara não me é nada estranha. Posso saber como te chamas?

Fico tão desapontada no instante em que a frase do engate escapa dos lábios dele. Ele é *esse* tipo de rapaz, estou a ver. O tipo incrivelmente atraente que pode ter quem quiser, quando quiser, onde quiser, e sabe disso. O tipo que só tem de mostrar um sorriso de esguelha ou formar uma covinha e perguntar o nome à miúda para ela se derreter toda até se ajoelhar à frente dele. O tipo que passa as noites de sábado a entrar pelas janelas dos quartos.

Estou extremamente desiludida. Reviro os olhos e estico o braço para trás, para chegar ao puxador da porta do carro.

— Tenho namorado — minto. Viro-me, abro a porta e entro. Estendo o braço para a fechar, mas não consigo. Ergo o olhar e vejo a mão dele a segurar na porta, mantendo-a aberta.

Há um desespero firme nos olhos dele que me faz arrepiar os pelos dos braços.

Ele olha para mim e eu fico *arrepiada*? Quem sou *eu*, afinal?

— O teu nome. É só o que eu quero saber.

Fico em dúvida se devo ou não explicar-lhe que saber o meu nome não o vai ajudar nas suas investigações. É mais que provável que eu seja a única americana de 17 anos sem acesso à internet. Com a mão ainda no puxador, deito-lhe o meu olhar fulminante de advertência.

— Não te importas? — digo, secamente, indicando a mão que me está a impedir de fechar a porta. O meu olhar percorre-lhe a mão e vai ter à tatuagem em letra manuscrita no antebraço.

*Hopeless*¹

¹ *Hopeless* no original, significa, literalmente, «sem esperança» ou ainda «um caso perdido», no sentido de «sem solução». [N. do E.]

Não consigo deixar de rir por dentro. É óbvio que hoje sou eu o alvo da retaliação do karma. Finalmente conheço o único rapaz que acho atraente, e ele abandonou a escola e tem a expressão «caso perdido» tatuada no braço.

Fico irritada. Puxo a porta mais uma vez, mas ele não se mexe.

— O teu nome. *Por favor.*

A expressão de desespero nos olhos dele ao dizer «por favor» causa uma reação surpreendentemente complacente em mim, algo bastante inesperado.

— Sky — revelo de repente, sentindo uma compaixão repentina pelo sofrimento que existe por trás daqueles olhos azuis. A facilidade com que cedo ao pedido por causa de um olhar deixa-me desapontada comigo mesma. Largo a porta e ligo o carro.

— Sky — repete ele para si mesmo. E fica a pensar nisso por um segundo, abanando a cabeça como se eu tivesse respondido errado. — Tens a certeza? — Inclina a cabeça na minha direção.

Se eu *tenho a certeza*? Ele pensa que sou a Shayna/Shayla e que não sei o meu próprio nome, é isso? Reviro os olhos e mudo de posição no banco para conseguir tirar a minha identificação do bolso. Ponho o cartão à frente da cara dele.

— É claro que sei o meu próprio nome.

Vou para recolher o cartão, mas ele larga a porta e tira-mo da mão, para o inspecionar mais de perto. Fica a olhar para ele durante alguns instantes, vira-o do outro lado e depois devolve-mo.

— Desculpa. — Dá um passo para trás, distanciando-se do carro. — Enganei-me.

Agora está inexpressivo e sério, e fica a ver-me guardar a minha identificação no bolso. Fito-o por um instante, à espera de algo mais, mas ele só mexe o queixo para a frente e para trás enquanto ponho o cinto de segurança.

Vai desistir de me convidar para sair assim tão facilmente? A sério? Ponho os dedos no puxador da porta, esperando que ele a segure outra vez e venha com mais uma das suas frases de engate ridículas. Mas não acontece nada. Ele afasta-se mais ainda enquanto fecho a porta, e alguma coisa estranha começa a consumir-me. Se ele realmente não me seguiu até aqui para me convidar para sair, então o que diabo foi isto?

Passa a mão pelo cabelo e murmura algo para si mesmo, que não consigo ouvir porque tenho a janela fechada. Engato

a marcha-atrás e fico a olhar para ele enquanto saio do estacionamento. O rapaz continua imóvel, a olhar fixamente para mim o tempo todo. Quando começo a ir na direção oposta, ajusto o retrovisor para o ver uma última vez antes de passar pela saída. Vejo-o virar-se para se ir embora e dar um murro no *capot* de um carro.

Tomaste a decisão certa, Sky. Ele é temperamental.

Depois de guardar as compras, encho a mão com os chocolates que comprei, enfio-os no bolso e saio pela janela. Levanto a da Six e entro no quarto dela. São quase 17 horas e ela está a dormir, então vou em bicos dos pés até à cama dela e ajoelho-me.

A Six está com uma máscara facial, e tem o cabelo louro-escuro colado à bochecha, porque se baba muito enquanto dorme. Aproximo-me o máximo possível da cara dela e grito:

— SIX! ACORDA!

Ela levanta-se tão bruscamente que não tenho tempo de sair da frente dela. O seu cotovelo agitado acerta-me no olho e eu caio para trás. Tapo logo com a mão a vista que está a latejar e fico estendida no chão do quarto. Viro o olho ileso para ela e vejo que está sentada na cama a agarrar a cabeça e a fazer-me uma careta:

— És mesmo uma cabra — diz ela, gemendo. A Six afasta os cobertores para longe, sai da cama e vai direito à casa de banho.

— Acho que vou ficar com o olho negro por tua causa — resmungo.

Ela deixa a porta da casa de banho aberta e senta-se na sanita.

— Ótimo. É o que tu mereces. — Pega no papel higiénico e dá um pontapé na porta para a fechar. — Espero que tenhas um bom motivo para me teres acordado. Passei a noite inteira sem dormir a fazer as malas.

A Six nunca gostou de acordar cedo e, pelos vistos, também não fica muito alegre de tarde. Para ser sincera, também não fica muito contente durante a noite. Se tivesse de adivinhar em que horário a Six é mais agradável, diria que é quando está a dormir. Deve ser por isso que ela odeia tanto acordar.

O sentido de humor e a personalidade sincera da Six são fatores importantíssimos para nos darmos tão bem. Miúdas exuberantes e falsas irritam-me solenemente. Acho que «exuberância» nem faz parte do vocabulário da Six. Só lhe falta a roupa preta para ela ser a típica adolescente melancólica. E falsa? É impossível ser mais direta do que ela, independentemente de querermos ou não ouvir o que ela tem para dizer. A Six não tem nada de falso, além do nome.

Quando tinha 14 anos e os pais dela decidiram mudar-se do Maine para o Texas, ela revoltou-se recusando-se a responder quando a chamavam pelo nome. O seu nome verdadeiro é Seven Marie, por isso, para irritar os pais por a terem obrigado a mudar-se, só respondia se a tratassem por Six. Eles continuam a chamar-lhe Seven, mas todas as outras pessoas a tratam por Six. Isto mostra que ela é tão teimosa quanto eu, o que é um dos vários motivos pelos quais somos as melhores amigas.

— Acho que vais ficar feliz por eu te ter acordado. — Saio do chão e vou para a cama dela. — Hoje aconteceu uma coisa monumental.

A Six abre a porta da casa de banho e volta para a cama. Deita-se ao meu lado e puxa os cobertores até lhe taparem a cabeça. Depois, rola para longe de mim e ajeita a almofada até ficar confortável.

— Deixa-me adivinhar... A Karen instalou TV por cabo?

Viro-me para ficar de lado e aproximo-me da Six, pondo o braço ao seu redor. Apoio a cabeça na almofada, e ficamos agarradas, encaixadas uma na outra.

— Tenta de novo.

— Conheceste hoje um rapaz na escola, estás grávida e vais casar-te, mas não vou poder ser a madrinha do teu casamento porque vou estar lá do outro lado desta porcaria de mundo?

— Estás lá perto, mas não. — Batuco com os dedos no ombro dela.

— Então o que *foi* que aconteceu? — pergunta ela, irritada.

Deito-me de costas e dou um grande suspiro.

— Vi um rapaz no supermercado depois das aulas e, caramba, Six, ele era lindo. Assustador, mas lindo.

A Six vira-se imediatamente para ficar de frente para mim e consegue bater-me com o cotovelo exatamente no mesmo olho que agrediu uns minutos antes. — O quê?! — grita ela bem alto, ignorando o facto de eu estar com a mão no olho, gemendo mais uma vez. Senta-se na cama e afasta a minha mão da cara. — O quê?! — grita ela outra vez. — A sério?

Continuo deitada de costas e tento mandar a dor do olho que lateja para o fundo da mente.

— Pois é. Assim que olhei para ele, foi como se o meu corpo inteiro se tivesse derretido e esparramado pelo chão. Ele era... uau.

— Falaste com ele? Ficaste com o telefone dele? Convidou-te para sair?

Nunca vi a Six tão entusiasmada. Está a ficar animada demais para o meu gosto, não sei se me agrada.

— *Credo*, Six. Calma aí.

Ela baixa o olhar e franze a testa.

— Sky, há quatro anos que me preocupo contigo, achando sempre que uma coisa destas nunca iria acontecer. Por mim, não havia problema se fosses lésbica. Nem se só gostasses de rapazes magros, baixinhos e *nerds*. Mesmo que só te sentisses atraída por homens bem mais velhos e enrugados, com pénis ainda mais enrugados, eu não via nenhum problema nisso. Só me preocupava que nunca experimentasses a luxúria. — Ela volta a deitar-se, sorrindo. — A luxúria é o melhor dos pecados capitais.

Eu rio e abano a cabeça.

— Discordo. A luxúria é uma seca. Acho que tens exagerado na sua importância durante todos estes anos. Ainda considero a gula o melhor de todos. — Após dizer isto, tiro um bocado de chocolate do bolso e ponho-o na boca.

— Preciso de pormenores — diz ela.

Chego-me mais para trás até ficar encostada à cabeceira.

— Não sei como descrever. Depois de o ter visto, não queria parar de olhar para ele. Podia ter passado o dia inteiro nisso, a fitá-lo. Mas a seguir, quando ele olhou para mim, fiquei apavorada. Olhou para mim como se estivesse furioso só por eu me ter apercebido da presença dele. Depois seguiu-me até ao carro e queria

a todo o custo saber o meu nome. Parecia até que estava com raiva de mim. Como se eu o estivesse a incomodar. Perdi a vontade de lhe lambar as covinhas e o que eu queria era sair disparada para longe dele.

— Ele seguiu-te? Até ao carro? — pergunta ela, ceticamente.

Digo que sim com a cabeça e conto-lhe todos os últimos pormenores da minha ida ao supermercado, inclusive o facto de ele ter dado um murro num carro.

— Caramba, que coisa tão estranha — comenta ela, quando acabo de falar. Senta-se e fica na mesma posição que eu, encostada à cabeceira. Tens a certeza de que ele não estava a tentar engatarte? A ver se lhe davas o teu telefone? Estou a falar a sério, já vi como ficas quando estás ao pé de rapazes, Sky. Sabes fazer o jogo deles, mesmo quando *não* estás interessada. Eu sei que consegues interpretar o que os rapazes querem, mas acho que, ao teres ficado atraída por ele, a tua intuição é capaz de se ter atrapalhado. Não achas?

Encolho os ombros. Pode ser que a Six tenha razão. Talvez eu tenha interpretado as ações dele de maneira errada, e a minha própria reação negativa tenha feito com que ele desistisse de me convidar para sair.

— Pode ser. Mas independentemente do que era, deteriorou-se com a mesma rapidez. Ele desistiu da escola, é mal-humorado, temperamental e... é simplesmente... um caso perdido. Não sei qual é o meu tipo de rapaz, mas sei que não quero que o Holder faça o meu tipo.

A Six agarra-me as bochechas e puxa-as, e vira-me a cara para ela.

— Disseste *Holder*? — pergunta ela, com a sobrancelha extremamente bem-feita arqueada de curiosidade.

Os meus lábios estão comprimidos um contra o outro, já que ela continua a apertar-me as bochechas, então digo que sim com a cabeça em vez de responder com palavras.

— O *Dean Holder*? Cabelo castanho despenteado? Olhos azuis ardentes? Tão temperamental que parece saído do *Clube de Combate*?

Encolho os ombros.

— *Deve cher eche, chim* — digo, as palavras praticamente inaudíveis por ter a cara apertada. Ela larga-me e repito o que tinha dito: — Deve ser esse, sim. — Levo a mão à cara e massajo as bochechas. — Sabes quem é?

Ela levanta-se e põe as mãos no ar.

— *Porquê, Sky?* De todos os rapazes que podias achar atraentes, por que raio o *Dean Holder*?

Ela parece desapontada. Porque está tão desapontada? Nunca a ouvi falar do Holder, então não é porque já andou com ele. Por que diabo o assunto deixou de ser empolgante para se tornar algo... muito, muito mau?

— Preciso de pormenores — digo eu.

Ela vira a cabeça e põe as pernas para fora da cama. Vai até ao roupeiro e tira umas calças de ganga de uma caixa, em seguida veste-as por cima das cuecas.

— É um canalha, Sky. Andava a estudar lá na escola, mas foi preso assim que as aulas começaram no ano passado. Não o conheço muito bem, mas conheço-o o suficiente para saber que ele não é para namorar.

A descrição que ela faz do Holder não me surpreende. Gostaria de dizer que não fiquei desiludida, mas é mentira.

— E desde quando *alguém* é para namorar ou não? — Acho que a Six nunca teve um namoro que durasse mais do que uma noite.

Ela olha para mim e encolhe os ombros.

— *Touché.* — A Six enfia uma blusa pela cabeça e vai até ao lavatório da casa de banho. Pega na escova de dentes, espreme pasta por cima e volta para o quarto escovando os dentes.

— Porque é que ele foi preso? — pergunto, sem ter a certeza se realmente quero saber a resposta.

A Six tira a escova da boca.

— Prenderam-no por um crime de ódio... Espancou um miúdo *gay* lá da escola. Tenho a certeza de que tinha antecedentes, e isso foi a gota de água. — Volta a meter a escova na boca e vai até ao lavatório cuspir.

Um crime de ódio? A sério? Sinto um frio enorme no estômago, mas desta vez não é no bom sentido.

A Six volta para o quarto após prender o cabelo com um rabo de cavalo.

— Que gaita! — diz ela, mexendo na bijuteria. — E se esta for a única vez em que sentiste tesão por um rapaz e nunca mais venhas a sentir isso de novo?

Faço uma careta devido à escolha de palavras dela.

— Não senti tesão por ele, Six.

Preferia saber a verdade, ainda que isso fizesse de si um caso perdido, ou continuar a viver uma mentira?

Quando Sky conhece Dean Holder no liceu, um rapaz com uma reputação tão duvidosa quanto a dela, sente-se aterrorizada, mas também cativada. Há algo naquela figura que lhe traz memórias do seu passado mais profundo e perturbador. Um passado que ela tentou por tudo enterrar dentro da sua mente.

Ainda que Sky esteja determinada a afastar-se de Holder, a perseguição cerrada que ele lhe dedica, bem como o seu sorriso enigmático, fazem-na baixar as defesas, e a intensidade da relação entre os dois cresce a cada dia. Mas o misterioso Holder também guarda os seus segredos, e, quando os revela a Sky, ela vê-se confrontada com uma verdade tão terrível que pode mudá-la para sempre. Será Sky quem ela pensa que é? E será que os dois conseguirão sarar as suas feridas emocionais e encontrar um modo de viver e amar sem limites?

Um Caso Perdido (Hopeless) é um romance intenso que o irá comover e arrebatrar, ao mesmo tempo que o fará recordar o seu primeiro amor.

«Colleen Hoover é uma das vozes mais vigorosas da ficção para jovens adultos.»

Kirkus Reviews



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-50-9



9 789898 626509

Ficção romântica